



UFRJ



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

REBELDES E REVOLUCIONÁRIOS:

**O IMAGINÁRIO IDEOLÓGICO DOS PERSONAGENS BAZAROV E RAKHMETOV NA
RÚSSIA DO SÉCULO XIX**

Nádia Carvalho dos Santos Henriques

RIO DE JANEIRO

2018

NÁDIA CARVALHO DOS SANTOS HENRIQUES

REBELDES E REVOLUCIONÁRIOS:
O IMAGINÁRIO IDEOLÓGICO DOS PERSONAGENS BAZAROV E RAKHMETOV NA
RÚSSIA DO SÉCULO XIX

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do título
de Bacharel em Letras na habilitação
Português/ Russo. Orientador: Prof. Sonia
Branco Soares.

Orientador: Prof^ª. Sonia Branco Soares

RIO DE JANEIRO
2018

Henriques, Nácia Carvalho dos Santos

Rebeldes e revolucionários: o imaginário ideológico dos personagens Bazarov e Rakhmetov na Rússia do século XIX / Nácia Carvalho dos Santos Henriques. -- Rio de Janeiro, 2018. 40 f.

Orientador: Sonia Branco.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Bacharel em Letras: Português – Russo, 2018.

1. Romance russo - Séc XIX - História e crítica. 2. Personagens e tipos na literatura. 3. Nihilismo (Filosofia). 4. Utilitarismo. 5. Literatura e história - Rússia. I. Branco, Sonia, orient.

NÁDIA CARVALHO DOS SANTOS HENRIQUES
DRE: 112049401

REBELDES E REVOLUCIONÁRIOS:
O IMAGINÁRIO IDEOLÓGICO DOS PERSONAGENS BAZAROV E RAKHMETOV NA
RÚSSIA DO SÉCULO XIX

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do título
de Bacharel em Letras na habilitação
Português/ Russo.

Data de avaliação: ____/ ____/ ____

Banca Examinadora:

_____ NOTA: _____

Prof^a Sonia Branco Soares – Orientadora - UFRJ

_____ NOTA: _____
Prof. Diego Leite de Oliveira – Leitor Crítico – UFRJ

MÉDIA: _____

Assinaturas dos avaliadores:

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à Porf^a. Sonia Branco Soares e à Prof^a. Eliza Bachvarova pelo acompanhamento e suporte no desenvolvimento dessa monografia.

A meus colegas de classe e professores de russo da Faculdade de Letras – UFRJ.

EPÍGRAFE

A sabedoria humana necessita de experiências, e a vida é efêmera. É preciso saber como paixões conturbadas agitavam a sociedade civil desde tempos memoráveis, e de que maneira o poder benéfico da razão domava as suas tendências tempestuosas para estabelecer a ordem, chegar a um acordo que favorecesse a todas as pessoas e lhes concedesse a felicidade possível na terra.

Nikolai Karamzin

RESUMO

A presente pesquisa tem como foco a abordagem de duas obras de relevância na sociedade russa - *Pais e Filhos* e *O que Fazer?*- , e seus respectivos personagens que alimentaram o imaginário revolucionário russo do século XIX, Bazarov e Rakhmetov. Além de o segundo romance ser uma resposta ao primeiro, ambos compreendem fatores literários e fundamentos ideológicos bastante particulares como ao mesmo tempo similares. A importância dessas obras, em relação ao desenvolvimento de princípios e ideais niilistas, naturalistas e utilitarista, foram foco de inspiração do imaginário ideológico dos jovens russo da metade do século XIX, assim como pivô dos constantes ataques de natureza rebelde contra a autocracia e a servidão que imperavam e estruturavam a sociedade russa por tantos séculos até então. São personagens tão estranhos, singulares e intensos que a admiração perpassa o século XIX e ecoa em figuras revolucionárias emblemáticas do século XX. Este trabalho busca penetrar, primeiramente, no propósito dos autores em relação às obras, e em seguida focar nos personagens relevantes para a constituição e transformação social e ideológica russa da época.

Palavras – chave: Literatura russa, niilismo, utilitarismo, revolução, Bazarov, Rakhmetov.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	9
1. O NASCIMENTO DO NILISMO RUSSO -----	9
2. NILISMO OCIDENTAL -----	10
3. O NILISMO NA RÚSSIA -----	12
4. PAIS E FILHOS -----	13
5. “O QUE FAZER?” -----	22
6. REVOLUÇÃO MATERILISTA -----	23
7. O QUE FAZER?: EGOISMO RACIONAL -----	26
8. DO “EGOÍSTA RACIONAL” AO “HOMEM EXTRAORDINÁRIO” ---	30
9. IMPACTO -----	35
CONCLUSÃO -----	37
BIBLIOGRAFIA -----	40

INTRODUÇÃO

A literatura do século XIX participou ativamente dos debates políticos na sociedade pública russa. Escritores e poetas seguiram de perto as mudanças da sociedade, tentando generalizá-las e apresentá-las nos seus trabalhos literários. Muitos intelectuais se tornaram figuras públicas, uma vez que seus principais objetivos estavam relacionados ao desenvolvimento da edificação das mentes e da purificação da alma do povo russo. O forte conflito entre vários estratos da sociedade russa, a desintegração moral da nobreza, a falta de direitos e a pobreza pressionaram os intelectuais da Rússia a olharem para além da reorganização das relações sociais no país. Escritores e poetas buscaram refletir na literatura tais questões, tentando presentir a direção futura das tendências políticas que eclodiriam.

Os romances *Pais e Filhos* (2004) de Turguêniev e *O que fazer?* (2015) de Tchernichevski foram escritos praticamente contemporaneamente ao momento decisivo da história moderna russa, a qual testemunhou o surgimento do radicalismo na política e na arte. Ao focar no diálogo implícito entre Turguêniev e Tchernichevski, podemos traçar a genealogia da autoridade do revolucionário para a política moderna e para a história intelectual russa em particular.

1. O NASCIMENTO DO NILISMO RUSSO

Os anos 60 do século XIX, foram para a Rússia um tempo de crises políticas e sociais, que prenunciava um caminho para o pensamento e ação revolucionária. Tornou-se portanto um período fértil nas áreas intelectuais e políticas, como também para a ascensão dos *Raznochintsi*. Não era de se surpreender que esse período se refletisse na filosofia e na literatura da época.

Desde os anos de 1850, a paisagem intelectual do país sofrera grandes mudanças. Os Eslavófilos ainda estavam operantes, mas os Ocidentalistas não mais existiam como um grupo coeso na Rússia: Belínski havia morrido em 1848, Herzen permanecia exilado na Europa e Bakunin, depois de tomar parte da revolução de 1848, havia sido preso em Dezembro de 1849, deportado para a Rússia e aprisionado na fortaleza Pedro e Paulo em Petersburgo. A morte de Gogol em 1852, e a prisão de Dostoiévski, anunciaram grandes mudanças no cenário literário, junto aos novos escritores de prosa como Ivan Goncharov (1812 – 1891), Ivan Turguêniev

(1818 – 1886), e Liev Tolstói (1826 – 1910) chegando à proeminência, ao lado do dramaturgo Alexandre Ostrovski (1823-1886) - estabelecendo firmemente a era do realismo.

O ambiente político também sofreu mudanças neste período. Após o reinado opressivo de Nicolau I que estabeleceu um pilar governamental ideológico baseado na “Ortodoxia, Autocracia e Nacionalismo”, facilitando a proliferação da burocracia, da censura e corrupção, a ascensão de Alexandre II em 1855 inaugurou uma era de reforma e florescimento cultural, impulsionada, em particular, pela derrota na guerra da Crimeia, acarretando também, de uma forma significativa, na emancipação dos servos em 1861. Fora portanto, um época propícia para surgimento das reformas judiciais e locais que se seguiram.

Foi nesse contexto que emergiu uma nova geração de radicais. Esses são muitas vezes referidos como o *shestidesiatniki* (geração de 1860s). No entanto, a tentativa de assassinato do Czar por Dmitry Karakozov em 1866, resultou em uma maior radicalização da esquerda e marcou o fim das reformas. Os radicais desse período se chamavam *prosvetiteli* (Iluministas), para indicar suas ligações com os racionalistas do século XVIII. No entanto, se tornaram mais conhecidos como niilistas, o termo popularizado por Ivan Turguêniev em seu romance, *Pais e Filhos* e seu personagem principal Bazarov.

Como afirma o historiador e filósofo F. Copleston:

“O termo [Niilista] referiu-se àqueles que alegaram não aceitar nada com base na autoridade ou fé, nem crenças religiosas, ideias morais, nem teorias sociais e políticas, a menos que pudessem ser comprovadas pela razão ou verificadas em termos de utilidade social. Em outras palavras, o niilismo era uma atitude negativa em relação à tradição, à autoridade, seja eclesiástica ou política, e aos costumes herdados, juntamente com a crença no poder e na utilidade do conhecimento científico”.¹

2. O NIILISMO OCIDENTAL

Niilismo (do latim *nihil* – nada), em um sentido amplo, é associado ao estabelecimento de uma rejeição de valores, ideais, normas morais, culturais geralmente aceitas. O termo niilismo é encontrado na literatura teológica europeia já na Idade Média. No século XII, uma das heresias da igreja relacionada ao ponto de vista de negar o dogma da natureza humana

1 COPLESTON, F. *Philosophy in Russia: From Herzen to Lenin and Berdyaev*. 1986: p. 102.

divina de Cristo, foi chamada de “heresia do niilismo”. No século XVIII, o conceito de niilismo como um análogo da negação de normas e valores geralmente aceitos, foi fixado nas línguas europeias, interpretação esta, registrada no Dicionário de Palavras Novas da Língua francesa, publicado em 1801.

Na filosofia ocidental do século XIX, o termo niilismo foi amplamente utilizado graças às construções conceituais de A. Schopenhauer, F. Nietzsche, O. Spengler. Schopenhauer criou uma doutrina niilista “budista” de indiferença para com o mundo. Spengler vê o niilismo como característica distintiva da era moderna, caracterizada pelo declínio da cultura europeia, experimentando um período de declínio próprio, transformando-a em uma civilização padronizada e impessoal.

Na filosofia de Nietzsche, a noção de niilismo se converte em um conceito abrangente que resume todo o desenvolvimento histórico e cultural europeu, começando com Sócrates, que avançou a noção dos valores da razão que, segundo o filósofo, foi a primeira causa do niilismo abrindo o caminho para o desenvolvimento da "paz e a interpretação moral cristã" i.e., "a mais perigosa", Nietzsche considerava todos os princípios básicos da razão, formulados na tradição filosófica europeia de unidade, propósito, verdade e etc.

O niilismo não é, segundo Nietzsche, um fenômeno empírico de cultura e civilização. O niilismo é a lógica profunda de toda a história da Europa, uma espécie de “antivida” fatídica que se tornou uma maneira paradoxal, parte da sua cultura. O declínio incrível na dignidade e no poder criativo do indivíduo na era mecanizada moderna torna necessário levantar a questão principal de superar o niilismo. Nietzsche enfatiza que, com "a morte do Deus Cristão", o niilismo não é superado, em todas as tentativas de substituí-lo por conceitos como “consciência”, “racionalidade”, o culto do bem público e a felicidade da maioria ou a interpretação da história como um fim absoluto em si. Esses apenas reforçam a sintomatologia alarmante do niilismo, "o mais estranho de todos os convidados". O socialismo moderno, segundo Nietzsche, é apenas o apogeu desse processo, levando a tendência niilista a assumir formas extremas.

3. O NILISMO NA RÚSSIA

Na Rússia, o termo niilismo foi usado primeiramente pelo crítico literário Nadezhdin (1804-1856) em um artigo publicado em 1829 na revista liberal “Vestnik Evropy”, intitulado “A Multidão de Niilistas”. Neste artigo, Nadezhdin discorreu sobre as novas tendências na literatura e filosofia da época. A palavra niilismo foi incorporada pela sociedade russa e generalizou-se após o romance de Turguêniev *Pais e Filhos*, o qual tinha como personagem principal Bazarov, o niilista.

Uma reviravolta ocorreu na segunda parte do século XIX, quando o termo “niilismo” adquiriu um significado qualitativamente novo e bastante definido. Os niilistas começaram a ser chamados de representantes da tendência radical dos anos 60, elevando as perspectivas de revolução social. O discurso negava a socialidade existente, condenava a desigualdade e servidão, a tradição cristã ortodoxa, a cultura vista como “filistinismo oficial” e outros fundamentos oficiais da sociedade da Rússia pré e pós-reforma, como também os cânones geralmente aceitos de estética. Eles pregavam o materialismo e o ateísmo.²

Uma característica distintiva do niilismo russo é a tentativa de confiar na teoria da ciência natural do darwinismo e extrapolar sua metodologia para aplicar à evolução da sociedade (o homem é um animal, a luta pela existência é a lei básica do mundo orgânico, a importância da espécie é suprema em comparação com o indivíduo que é visto como uma quantidade subordinada). O principal propagandista do niilismo na Rússia foi D. Píssarev.

A questão da justiça social surgiu como o problema político e moral prioritário e os esforços intelectuais se focaram na busca de como erradicar o mal e alcançar uma melhor ordem social. Como superar as injustiças se torna então uma grande preocupação sem uma resposta clara. Uma abordagem parte da perspectiva de conflito entre o antigo e o novo, a impossibilidade de viver como antes, a insegurança do futuro, um conflito entre gerações. Alternativamente, pode-se sugerir um alinhamento dos interesses individuais e coletivos através da remoção de obstáculos artificiais. Turguêniev explorou a primeira opção em seu romance *Pais e Filhos*, enquanto Tchernichevski abordou as questões relativas à forja de novas relações sociais. No diálogo literário que se seguiu, as características básicas do “novo homem” começaram a se firmar.

² YOUNG. “Russian thought lecture 4: Nihilism and the birth of Russian radicalism: from science to art.”, 2012.

4. PAIS E FILHOS

Os "novos" heróis - o "raznochintsi" - filhos educados dos estratos médios da sociedade russa - começaram sua existência na vida e na literatura com uma negação radical de todos os valores do passado.

Em 1862, o ano que marcou a abolição da servidão na Rússia, Turguêniev lançou o que foi considerado um dos seus mais brilhantes romances, *Pais e Filho*. A época não se mostrava a mais propícia politicamente para o lançamento. Vários atos sociais e de movimentos políticos empenhados em divulgar o pensamento da juventude e contra a autocracia russa espalhavam-se e ganhavam forças, principalmente na cidade de São Petersburgo.³

A relevância desse romance, tanto na época como na atualidade, se deu pela representação das circunstâncias que abalavam a sociedade durante o século XIX. Esse também foi um romance dedicado a Vissarión Belínski, um dos maiores críticos intelectuais que marcou a literatura russa no século XIX. Belínski acreditava que todo autor tinha o dever de contribuir através de seus trabalhos literários para a melhora das condições da sociedade russa.

“A literatura, dizia ele [V. Belínski] deveria buscar seus temas na sociedade contemporânea, e proclamou George Sand a maior escritora moderna por nela encontrar “as convicções vitais” que faltavam em Victor Hugo e em Balzac. Em 1844, numa revisão da literatura russa do ano anterior, Belínski, já aclamava o aparecimento de uma nova escola que, apesar de “contar com um pouco mais de uma dezena de verdadeiros representantes”, era “mais fecunda e vital que todas as demais” no cenário da literatura russa. Essa escola “trata dos problemas essenciais da vida, destrói os preconceitos arraigados e levanta sua voz indignada contra os mais deploráveis aspectos da moral e dos costumes contemporâneos, pondo a nu em toda a sua gritante e sinistra realidade tudo o que está permanentemente exposto à contemplação, mas que olhos cegos não querem ver, toda essa estarrecedora massa de trivialidades em que nossa vida está mergulhada, todos os abismos dos habituais personagens frios e destruídos que abundam em nossa terra”.

(Frank, 2008: p.170)

Turguêniev era considerado, assim como Tolstói, o romancista mais conceituado da época. Era um observador atento da dinâmica social. Ele conseguia distinguir os movimentos

³Por exemplo, a criação do movimento *Terra e Liberdade*, uma das organizações políticas secretas comprometidas com ações violentas contra a autoridade e instituições públicas.

do seu tempo e, em especial, o surgimento dos “novos homens”. Empenhou-se em incorporar o realismo em suas obras, e especialmente em *Pais e Filhos*, ofereceu uma reflexão social inspirada na representação do homem como produto da sua realidade. Os personagens estão, portanto, condicionados pela cultura a que pertencem.

Sendo um homem de origem aristocrata, pertencente à *élite* social russa, descendente de uma família de pais donos de terra e beneficiário de uma educação excepcional, era notório as dificuldades de compreender esses novos homens que vieram inquietar a sociedade conservadora da metade do século XIX. Essas dificuldades se refletiram nos embates entre os personagens da sua obra, desde o início, no próprio título do romance.

O título do romance de Turguêniev, *Pais e Filhos*, se tornou a chave para compreender os problemas e aspirações daquela época, o *gap* entre as gerações que o autor identificou e explorou no romance. Teve como inspiração para o seu personagem Bazarov, um cidadão médico de uma província que havia conhecido em uma viagem de trem. A citação escrita pelo próprio, estampa bem o modo como Turguêniev se preocupava com as tendências de seu tempo e as movimentações sociais existentes.

“Aquele homem notável pareceu-me encarnar esse princípio que mal começava a nascer, ainda em fermentação, e que mais tarde recebeu o nome de nihilismo. A impressão que essa pessoa produziu sobre mim foi muito forte e, ao mesmo tempo, não de todo clara. A princípio, eu não consegui defini-lo – e me pus a escutar e observar com extrema atenção tudo que estava a minha volta como que em busca de uma confirmação verdadeira de meus sentimentos.” (Turguêniev, 2015: p. 289 -290)

Bazarov, o protagonista do romance é, portanto, a personificação da nova geração, dos *Rasnochintsi* na ótica de Turguêniev. A significação do “novo” está desenvolvido no contraste e conflitos que surgem entre as gerações. Turguêniev estabelece também uma importante genealogia literária para Bazarov.

Nesse contexto, o nome próprio do protagonista do livro de Turguêniev, *Pais e Filhos*, Yevguêni Vassiliev Bazarov, carregava a herança literária no simbolismo de um momento histórico importante na Rússia. O “novo homem” dos 1860 se colocava na linha de sucessão literária que logo se tornaria política - o Ieviguêni de *Onegin* e de *O cavaleiro de Bronze* de Púchkin - o “homem supérfluo” tanto na sua encarnação aristocrática entediada como na figura humilde e desesperada do pobre funcionário sobrevivente do cataclismo desencadeado no confronto entre a arrogância imperial e a natureza indômita. A voz dessa aristocracia dos

anos 40, dos “homens supérfluos”, não aparece somente em *Pais e Filhos*, mas também em *Rudin* (1856) e *Diário de um Homem Supérfluo* (1850).

“A política dos “homens supérfluos” da baixa nobreza tendia a um liberalismo idealista, capaz de não se deixar iludir pelas pretensões da autoridade e de simpatizar com as pessoas comuns, mas sem determinação para lutar por uma mudança radical. Esses liberais da década de 1840 achavam-se imersos numa nuvem de depressão e fastio que, numa obra como *Gente Pobre*, fundia-se a outra nuvem de desespero e fastio vinda de baixo.” (Berman, 2016: p. 245)

O Yevguêni- *raznochinets*, do romance de Turguêniev têm características em comum com os seus predecessores – desprezo, (chegando à rejeição rebelde), pelas normas da sociedade que não abre espaço para ele e suas visões e ambições. Ele é também solitário e têm um amigo mais novo.

Enquanto o nome Yevgueni no grego - εὐγενής - significa “nobre”, combinando-se de forma harmoniosa com *Onegin*, com Bazarov não podemos fazer as mesmas inferências. Bazarov vem do radical *базар*- Bazar, que significa “mercado” ou “feira”, mas também “ruído” que corresponde a sua personalidade agressiva, até rude, que luta contra a polidez superficial da sociedade, o que combina muito bem com a rispidez de seu aspecto físico e sua vestimenta. Esse “ruído” não reverberou apenas no romance, mas em toda a sociedade russa. Bazarov havia impulsionado um imaginário mais democrático para a Intelligentsia russa.⁴

Filho de pais piedosos e supersticiosos, Bazarov era um típico estudante de medicina, que conseguia se manter na faculdade graças ao capital do pai, um velho ex-cirurgião reformado do exercito, que apesar de ser da mais baixa nobreza, era proprietário de terra e possuía uma relativa condição financeira.

A história se inicia quando Bazarov, a caminho da casa dos pais, decide passar um tempo na fazenda de seu amigo mais jovem e discípulo, Arkádi. Bazarov, não esconde o desprezo pelo estilo de vida e ideologia que observava na família de Arkádi, uma família típica da aristocracia russa, apesar de o pai de Arkádi, Nikolai Petróvitch Kirsánov confessar que diante das novas reformas e as transições sociais, estava com problemas para administrar suas propriedades rurais. Reconhecia ser um homem “ultrapassado” em relação às novas correntes intelectuais que seu filho adotara. No entanto objeto mais significativo no romance

4 Segundo o dicionário eletrônico Academic.ru o radical “*базар*” está relacionado ao sentido de “falar, debater e discussão” e no dicionário de epítetos “inquieto, ruidoso”.

seria o embate entre dois personagens, ambos de temperamentos fortes e pertencentes a ideologias distintas, fator esse que dá base à querela ideológica no romance.

Esses conflitos são protagonizados por Bazarov e Pável Petróvitch, tio de Arkádi. Pável, ex-general do exercito e representante da antiga geração dos proprietários de terras que retornaram para o campo junto de seus parentes e usufruíam da economia da família para sustentar sua vida nobre, rivaliza com Bazarov, o jovem que se comporta de modo enfadonho e arrogante diante das atitudes aristocráticas de Pável. Este, por sua vez, seria o homem liberal romântico, apreciador da natureza e um “*amante do progresso*”. Repudiava a ideia de que um jovem como Bazarov pudesse defender a concepção de um homem sem princípios, pois esses eram os alicerces para o “*bem público*”. A diferença de aparência dos antagonistas transforma-se em uma diferença nas visões de mundo, a qual se manifesta em argumentos constantes entre homens mais velhos e mais jovens. Ambos, a todo o momento discutem fervorosamente suas divergências ideológicas, gerando o embate de uma antiga geração, os intelectuais dos anos 40, aristocratas em sua maioria e a nova geração, os homens dos anos 60 que em geral eram filhos de pequenos burgueses ou funcionários medianos da burocracia estatal – os *Raznochintsi*.

O protagonista de Turguêniev se destaca como um jovem niilista, um representante da nova intelectualidade radical, que ao se apaixonar pela duquesa viúva Ana Adíntsova, se vê conduzindo a um confronto antagônico entre a ideologia materialista e as emoções que o próprio Bazarov tanto censurava como inútil e fraca aos interesses humanos. Bazarov acreditava e agia com base na ideia da *negação*, ou seja, em favor de pôr abaixo todas as convenções sociais preestabelecidas, pois acreditava ser o caminho para uma reorganização social condizente com a ciência e a lógica capaz de alcançar o bem-estar social coletivo. O objetivo do niilista nesta lógica é destruir todas as instituições e valores existentes. Bazarov considera a si mesmo e a seu gênero como uma força pura cujo propósito é “limpar o terreno” de valores tradicionais sem qualquer consideração pela reconstrução ou para substituí-los por novos.

Os novos homens limpariam as *doenças morais* da sociedade para que os futuros homens esclarecidos, em terra limpa, pudessem construir e instruir a sociedade com base em fundamentos utilitários e materialistas. Essas *doenças morais* seriam em si a falta de instrução da população sobre a irracionalidade das instituições morais a que são sujeitas desde a infância e que determinam suas ações e escolhas na vida.

“- Mas com licença – disse Nikolai Petróvitch – O senhor nega tudo, ou, em palavras mais exatas, destrói tudo.... No entanto, é preciso também construir.
 - Isso já não é da nossa conta, é necessário limpar o terreno. - Disse Bazarov.
 - A situação atual do povo assim exige. – acrescentou Arkádi, cheio de si. -
 Devemos atender essas exigências, não temos o direito de nos entregarmos à satisfação do egoísmo pessoal.” (Turguêniev, 2015: p. 75)

Para livrar a sociedade das *doenças morais*, além da negação das instituições sociais como a religião, a política, a autocracia e a família, os niilistas não se submetem a nenhuma autoridade ou obedecem às leis vigentes, pois essas se estabelecem através de princípios que não são reconhecidos pelos homens esclarecidos, ou seja, não tem fundamentos lógicos e científicos.

“(Arkádi) – Chega, Ievguêni.... quem escuta você, hoje, será forçado a concordar com quem nos acusa de ausência de princípios.
 - Está falando como o seu tio. Princípios não existem absolutamente, será que você não percebeu isso até agora? Só existem sensações. Tudo depende delas.
 - Como assim?
 - Muito simples. Eu, por exemplo: adoto uma atitude de negação por causa das sensações. Tenho o prazer em negar, o meu cérebro está constituído desse modo, e *basta!* Por que gosto de química? Por que você gosta de maçãs? Também por causa da sensação. É tudo igual. As pessoas nunca conseguiram penetrar mais fundo do que isso.” (Ibid, p. 184)

Pável, o tio aristocrata do amigo de Bazarov é a imagem oposta ao de Bazarov. É um homem elegante que se comportava e vestia à moda europeia, se sentia insultado com os maus modos de Bazarov e seu pensamento materialista. Argumentava que antes existiam grandes românticos como Schiller e Goethe, mas lamentava que a Rússia estava, até então, sendo contaminada pelos *químicos alemães* e os pensadores materialistas. O homem, segundo o discurso desse representante da velha geração, deveria valorizar a dignidade pessoal e o respeito próprio, e por isso apreciava os aristocratas, pois era a classe que tão bem desenvolvia e valorizava tais conceitos. Este representava a categoria social que os niilistas desprezavam, os “homens supérfluos” - *lichnie liudi*, geração que reconhecia o sofrimento do povo e desenvolvia ideias liberais e progressistas, mas apenas permanecia no campo intelectual, não desenvolvendo práticas efetivas.

Segundo Pável, Bazarov não só atacava os princípios, mas também acusava a antiga geração de frustrados e improdutivos, assim como não respeitava o povo russo e suas tradições, principalmente as dos camponeses, tradições essas que eram consideradas a verdadeira alma do povo russo. Bazarov repudiava essas ideias liberais como sendo inúteis. Os princípios são abstrações, cada homem deveria educar a si mesmo, respeitar a si mesmo. O

jovem não deve acreditar em nada além de si mesmo, e é essa autoconfiança que alimenta a sua intensa ética de trabalho. Em Marino, ele está sempre ocupado fazendo experimentos. Bazarov argumenta que "a natureza não é um templo, mas uma oficina, e nela o homem é um trabalhador".⁵

Bazarov estava profundamente convencido de que a conquista das ciências naturais modernas, em longo prazo, permitirão resolver todos os problemas da vida social. Pregava o princípio da utilidade: "Nossas ações se fundamentam naquilo que consideramos útil", e afirmando a prioridade do útil, ele afirma assim o que é verdadeiramente bom para o homem. Seu pragmatismo, a satisfação de não se entregar ao egoísmo pessoal, a ação da negação em virtude da falta de princípios, mas sim à infinita existência das sensações são algumas das características distintivas dos "novos homens".

Quanto ao amor e ao romance, Bazarov aparece no início como um "machista" inveterado. Ele acredita que Pável ou qualquer homem que se deixe influenciar por uma mulher é um idiota. Acredita que, se uma mulher lhe atrai, ou a levava para cama ou a deixava. A ideia de Bazarov de grandeza era masculina. As mulheres são subordinadas existem apenas para servi-lo e entretê-lo. Este é precisamente o ponto fraco do niilismo e materialismo bruto de Bazarov, principalmente segundo os pensamentos de Tchernichevski.

A reviravolta da trama se dá quando Bazarov conhece Odíntsova, uma senhora que é condizente com as novas formas de pensamento da juventude e toma Bazarov como sendo um homem de pensamentos diferentes, "um homem curioso". Em contrapartida, Bazarov quando se encontra pela primeira vez com Odíntsova, ele a julgou como uma simples "sedutora da província" e menosprezou, diferentemente de Arkádi, a singularidade intelectual de Odíntsova. Bazarov não tem respeito pelo seu intelecto, mas exclama: "Um corpo espetacular! Quem dera estivesse agora no anfiteatro da aula de anatomia"⁶. Bazarov, aqui, revela um pouco sobre como ele se relaciona com as mulheres. Ele pensava nelas quase cientificamente, como um objeto de curiosidade, um espécime; Não há espaço em sua visão para intimidade ou amor romântico. Em primeiro lugar, Odíntsova nem é uma mulher para ele, ela era apenas anatomicamente um "corpo" para satisfazer suas emoções carnis.

5 Turguêniev. *Pais e Filhos*. p. 65.

6 *Ibid*, p. 115.

No entanto, ela também é a primeira pessoa que desafiou com sucesso os pontos de vista de Bazarov. Odíntsova de fato não sentia atração por Bazarov, mas seus olhares curiosos direcionados a Bazarov o desconcertavam e, durante as conversas, Bazarov inconscientemente “procurava atrair o interesse da interlocutora”. Ao se dar conta dos seus sentimentos, uma repulsa começa a crescer em Bazarov, segundo o próprio, o amor era um desperdício de tempo, uma inutilidade. Da mulher, nada além das relações carnais poderiam ser vista como proveitosas, uma vez que até as instituições familiares eram desvalidadas. É evidente que mesmo sobre as relações amorosas, a teoria niilista se adequava. O amor desviava o homem de um sentido objetivo, de um pensamento racional, mas, ainda assim, o desejo não era de forma alguma totalmente refutado, mas sim racionalizado.

Não sabendo como lidar com seus sentimentos íntimos, Bazarov se retirou para casa de seus pais, e é a partir desse momento que ele começa a ter pensamentos idílicos, como refletir sobre a efemeridade da vida ou como seria mais importante aproveitar os momentos agradáveis do que passar grande parte da vida com rancor de tudo e todos. A vida monótona dos pais no campo agora tinha um novo significado para Bazarov, talvez longe das pessoas e entregando-se totalmente ao trabalho, essa seria a melhor forma de fugir de toda aquela tensão e ressentimentos. A rebeldia se transforma na busca pela tranquilidade. Bazarov que antes desprezava tudo e a todos, entra em uma melancolia em relação à vida, visto que sua consciência ideológica estava abalada em decorrência do conflito entre a razão e a emoção. Bazarov perde para as sensações “inúteis” assim como Onegin perde para a “*suprema autoridade de Petersburgo*”. Tais condições o levaram a um duelo com Pável e à contaminação que acarretaria a sua morte.

Bazarov nunca abandonou seus pontos de vista anteriores, mas eles se modificam no final do romance. Além disso, enquanto estava morrendo, seu último desejo romântico de ver Odíntsova revela o momento em que ele se afasta dos conceitos de “negacionismo” puro. No entanto, a confusão de Bazarov revela uma falha crítica em sua visão de mundo. O problema fundamental para o protagonista de Turguêniev é que não há espaço para a felicidade em sua visão de mundo científica e niilista. Quando ela vem vê-lo em seu leito de morte, ele não consegue dizer que a ama, pois não há sentido nessas palavras. Em vez disso, ele diz: “... amei a senhora! Antes, isso já não tinha nenhum sentido, e agora, muito menos”⁷ relevando

7 Ibid, p. 276.

que mesmo diante da morte, Bazarov não aceitou a subjetividade do amor, apesar de perder convicção da sua própria pureza materialista.

Através deste conflito mal resolvido, podemos perceber que a natureza, segundo Turguêniev, não pode ser totalmente controlada. Em Turguêniev, o eterno conflito entre pais e filhos foi transferido do plano dos interesses pessoais para a esfera pública. Bazarov está categoricamente convencido de que não pode viver como os “pais” viviam. O protagonista consagra uma imagem de rebelde. Contudo, seu "niilismo" militante não trouxe sugestões construtivas, mas o romance deixa claro que o futuro pertence aos niilistas.

Mesmo sendo um personagem complexo, Bazarov se mostrou um indivíduo profundamente falho. No entanto, Bazarov é inspirador. Primeiro o vemos através dos olhos adoráveis de Arkádi, e depois descobrimos que Arkádi é apenas um de seus discípulos, e que nem sempre concorda ou põe em dúvida a ideologia do “mentor”. À medida que os dois se separam, no entanto, começamos a ver Bazarov sob uma luz mais objetiva; ele realmente nasceu líder. Ele tem uma personalidade dominante com uma sensação de grandeza que carrega em si. Quando ele diz a Pável Petróvitch: “Destruímos por que somos uma força”, “Não somos tão pouco como o senhor supõe”, o leitor não pode deixar de acreditar na força titânica de suas palavras. Turguêniev estava profundamente consciente da poderosa personalidade quase magnética de Bazarov. No entanto, Bazarov não é um homem de ação nem de construção, sua morte foi a de um herói lírico, como uma forma de humanizá-lo. Ele é uma figura trágica. Turguêniev disse uma vez que, ao final do romance quando teve de escrever a cena da morte de Bazarov, ele mesmo chorou enquanto escrevia.

Pável Petróvitch não poderia ser um oponente digno de Bazarov. E quando eles se separam, Turguêniev resume: Kirsánov "era um cadáver". Argumentar com o niilista tinha de alguma forma justificado e dado o significado de sua existência. O autor, através do romance, revela o fim da aristocracia e seus alicerces. Em uma carta ao poeta Sluchevski, logo após a publicação do livro, Turguêniev identificou os protótipos dos irmãos Kirsánov:

"Conde Salias está errado, dizendo que essas pessoas [...] são nossos avós: Nikolai Petróvitch sou eu, Ogarev e milhares de outros ... também nossos contemporâneos. Eles são os melhores da nobreza - e é por isso que eu escolhi revelar sua inadequação. - "8

A vitória do *rasnochinets* Bazarov sobre o aristocrata Kirsánov correspondeu plenamente ao plano de Turguêniev. Em 1862, em uma carta sobre *Pais e Filhos*, o escritor enfatizou que:

"Toda a minha história é dirigida contra a nobreza [...] O sentimento estético me fez tomar precisamente os bons representantes da nobreza, [...] Se o leitor não se apaixonar por Bazarov a despeito de toda a sua grosseria, falta de sentimentos, segura implacável e dureza - se ele não se apaixonar, repito - sou eu o culpado porque não consegui alcançar o meu objetivo."⁹

O livro e os personagens provocaram uma polêmica que foi além das questões da arte e da literatura. Emergiu o conceito de *Базаровщина* – Bazarovshchina –, que significa todos os extremos desse tipo de visão radical, nomeadamente o fascínio pelas ciências naturais, o materialismo vulgar, o pragmatismo do comportamento e a rejeição da arte tradicional e regras de conduta geralmente aceitas.

Quando, em 1862, este livro de Turguêniev foi publicado, muitos jovens ficaram ofendidos, acreditando que Turguêniev, à imagem de Bazarov, os estivessem caricaturando. Ainda assim, mesmo entre os jovens, que não se enxergavam em Bazarov, reconheciam que essa personagem expressava o cientificismo materialista que alimentava toda a nova geração utilitarista do século XIX, e por consequência tal geração começou a intitular-se de Niilista.

Apesar da grande polêmica em relação às críticas positivas e negativas gerada pelo romance *Pais e Filhos*, essa discussão foi um dos principais fatores para o seu sucesso. A opinião, manifestada por alguns críticos literários, de que o romance frisava um desprezo pela nova geração, rendeu à obra um elogio feito pelo relatório da polícia secreta do Czar além de uma dedicatória de boas vindas ao romance.

No entanto, pensadores radicais como Dimitri Píssarev, crítico literário da revista “Palavra Russa”, também aclamaram a obra. Píssarev argumentou em um dos seus ensaios altamente elogiosos a Bazarov que esse era considerado um “novo homem”, um mal necessário para que os futuros homens esclarecidos, pudessem enfim realizar a grande revolução social utilitarista. No artigo “Bazarov”, Píssarev elogia esse niilista. Ele diz que Bazarov considera “ideais”, “romantismo” como sendo “bobagem”, “ele não rouba de outras pessoas, não vive com dinheiro de seus pais, ele trabalha duro”; Ele é uma pessoa “sincera”.

9 Ibid, C. 58.

Seu “gosto pessoal” determina suas preferências e desgostos. “Nem acima de si mesmo, nem fora de si mesmo, nem dentro de si mesmo, ele não reconhece nenhum regulador, nenhuma lei moral, nenhum princípio”; ele “age apenas da maneira que ele quer ou que parece ser proveitosa e conveniente”; ele “considera absolutamente desnecessário restringir-se em qualquer coisa”. Sobre o significado do romance, o “grande crítico” Píssarev diz: Os jovens da atualidade se deixam levar e caem em extremos, são afetados por uma nova força e uma mente incorruptível.” Píssarev conclui: “Turguêniev justifica Bazarov e aprecia seu verdadeiro valor.”¹⁰

Na vida real, Tchernyshevsky, um filho de sacerdote ortodoxo de Saratov, veio para simbolizar as virtudes morais desta geração de novos homens na Rússia e se esforçou para dar uma resposta às questões levantadas por “*Pais e Filhos*” esboçando um programa positivo para a transformação social. Ele enfatizou a necessidade de mudanças nas relações interpessoais, uma perspectiva defendida por sua própria geração.

5 – “*O QUE FAZER?*”

Enquanto a inspiração concreta para escrever *Pais e Filhos* foi um encontro casual em um passeio de trem, *O que fazer?* deve sua existência a uma resposta literária à descoberta de Turguêniev do “novo homem russo”, “o niilista” como fruto das reflexões de Tchernichevski na prisão.

Nikolai Tchernichevski (1828-1889), filho de um padre ortodoxo provincial, participou do seminário teológico local antes de estudar filosofia e história na Universidade de São Petersburgo, onde foi influenciado por Belínski e os socialistas utópicos franceses, perdendo gradualmente sua fé cristã. Suas principais obras filosóficas foram “A Relação Estética da Arte com a Realidade” (1855) e “O Princípio Antropológico da Filosofia” (1860). Começou a trabalhar para o jornal radical mais proeminente, “Sovremennik” “O Contemporâneo”, e mudou-se para uma escrita mais polêmica e crítica literária.

Tchernichevski escrevia críticas e artigos de cunho materialista sobre política socialista e a emancipação das mulheres. Ele foi preso em 1862 por acusações de subversão e conspiração contra o estado, chegando a ser considerado o inimigo número um do Império

10 Писарев. *Литературная критика в трех томах*. С. 444.

Russo, segundo documentos oficiais da polícia secreta do império. Tchernichevski foi confinado na prisão da fortaleza de Pedro e Paulo e depois condenado à prisão perpetua na Sibéria onde viveu por vinte anos e só foi libertado meses antes da sua morte.

Logo após ser preso, Tchernichevski pediu ao comandante da prisão autorização para que pudesse escrever uma novela, o que lhe foi concedido. A novela foi escrita em 4 meses, entre 4 de Dezembro de 1862 e 4 de Abril de 1863. O manuscrito foi enviado da prisão para as autoridades encarregadas desse tipo de caso, que “puseram-lhe tantos selos oficiais que, quando chegou ao escritório do censor, esse nem se preocupou em lê-lo”¹¹, transferindo-o então para o coeditor do jornal “Contemporâneo” e amigo de Tchernichevski, Nicolai Nekrassov. Nekrassov o perdeu em uma cabine, mas logo foi recuperado por um jovem funcionário do governo depois de um anúncio em um jornal policial de São Petersburgo sobre a perda do manuscrito. É muito simbólico a ironia de que esse manuscrito, que a polícia tanto se empenhou em encontrar, seria um dos trabalhos mais subversivos e revolucionários para a época. A publicação de *O que fazer?* foi propriamente considerado “o mais espetacular exemplo da tola burocracia na esfera cultural durante o reinado de Alexandre II”.

6 – REVOLUÇÃO MATERIALISTA

O ponto de partida para o pensamento dos niilistas pode não parecer particularmente revolucionário uma vez que enfatizaram o conhecimento. Portanto, não eram revolucionários como tais, mas rejeitaram o que viram como a timidez e o liberalismo da geração anterior em favor de uma posição muito mais radical.

“Os niilistas [...] procuraram a libertação do seres humanos de grilhões que lhes foram impostos pela convenção social, a família e a religião, mas eles acreditavam que esse objetivo seria alcançado através da disseminação de uma visão científica.” (Copleston, 1986: p.103).

No entanto, essa ênfase na ciência era revolucionária, pois os avanços na ciência no século XIX, como o desenvolvimento da teoria evolutiva e as descobertas na bioquímica, estavam revolucionando as visões tradicionais do mundo e da existência humana. As implicações desses achados são cruciais, permitindo que Tchernichevski afirmasse a base material da natureza humana.

11 Berman. *Tudo que é Solido se Desmancha no Ar*. p. 257.

A ideia, formulada pelas ciências naturais, da unidade do organismo humano serve como um princípio da visão filosófica da vida humana e de todos os seus fenômenos. As observações de fisiologistas, zoologistas e médicos eliminaram qualquer ideia de dualismo no homem. A filosofia vê no homem o que a medicina, a fisiologia e a química veem nele. A visão religiosa da humanidade é, portanto, substituída por outra científica - de "corpos que funcionavam como máquinas fisiológicas".¹²

Influenciado pelo filósofo alemão Ludwing Bucher, os utilitaristas James Mill e Jeremy Bentham e principalmente por Feuerbach, Tchernichevski acreditava que o corpo, mente e espírito representavam apenas diferentes aspectos de um único organismo humano, que é uma parte integral da natureza humana. Já os pensamentos, as ações e emoções, são nada mais do que respostas sensitiva à estimulação externa e assim, governadas pelas leis na natureza. O ser humano seria capaz de mudar a sociedade e a sua natureza de acordo com as necessidades sociais, mas esses objetivos são impedidos pelas crenças religiosas, instituições políticas, convenções sociais e o idealismo filosófico que projeta uma falsa imagem da natureza humana, obscurecendo o conhecimento da realidade. Todas essas convenções sociais que até então eram tomadas como verdades absolutas, distorcem a realidade a fim de proteger o poder e privilégios de um grupo social que se beneficia dessas convenções. Somente o progresso humano, pelo constante avanço do conhecimento científico e a eliminação das convenções ultrapassadas, poderia romper a perpetuação da ignorância impregnada na sociedade.

“Se todas as pessoas são realmente semelhantes, de onde vêm as diferenças em seus comportamentos? [...] Está claro para nós agora que tudo depende dos costumes e arranjos sociais, ou seja, no final das contas, tudo depende exclusivamente das circunstâncias, porque os costumes sociais, por seu lado, também surgem das circunstâncias.” (Tchernichevski, 2015: p. 227)

O impulso de encontrar uma base material para a ética, leva ao desenvolvimento da filosofia de Tchernichevski sobre egoísmo racional. Com base em uma versão do utilitarismo que equipara o bem com o agradável e assume que o ambiente físico ou as circunstâncias determinam o comportamento, o egoísmo racional afirma que os seres humanos são guiados puramente por interesse próprio.

12 Young. *Russian thought lecture 4: Nihilism and the birth of Russian radicalism: from science to art*, 2012.

O homem é bom quando, para ter prazer, pratica o que é agradável para os outros, e ruim quando é forçado a tirar prazer do que é desagradável para os outros. Tchernichevski afirmava que agir contra os interesses do indivíduo ou desses grupos mais amplos resulta em autodestruição, portanto, "sua busca individual por prazer será frustrada e [eles] serão destruídos". Assim, o que há de melhor no interesse da sociedade há de melhor no melhor interesse do indivíduo, e a pessoa "esclarecida" verá isso e agirá em conformidade, realizando ambos os interesses ao mesmo tempo.

Este conceito de egoísmo a serviço dos outros foi desenvolvido no ensaio de 1847 de Píssarev "O Proletariado Pensante" (1865). No artigo "Os Realistas" (1864), Píssarev afirma que um egoísta racional é um "realista pensante". O realista do pensamento é guiado pela "ideia do bem comum ou da solidariedade universal", porque uma pessoa "precisa da comunidade de outras pessoas" e "o destino de uma depende do destino de todos". Assim, o egoísmo racional "coincide com os resultados da filantropia mais consciente". O significado da vida de um realista pensante consiste em "amor, conhecimento e trabalho". "Titãs do amor", Píssarev chamou os líderes dos movimentos revolucionários e socialistas.

Assim, longe de ser individualista, essa filosofia visa transformar a sociedade e é implicitamente revolucionária. Sugere que as mudanças sejam feitas removendo as desigualdades da vida (as circunstâncias que fazem com que algumas pessoas se comportem mal e prejudiquem os outros), para alcançar uma situação onde ninguém precisará prejudicar os outros, porque os interesses de todos serão iguais e sua busca pelo prazer não entrará em conflito com os objetivos de qualquer outra pessoa. Isso só pode ocorrer através de uma revolução. A filosofia do egoísmo racional que Tchernichevski expôs em seu ensaio "O Princípio Antropológico na Filosofia" encontrou sua expressão mais clara em seu romance de 1863, *O Que Fazer?*.

Em alguns dos seus ensaios, Tchernichevski defendeu a premissa de que a arte teria como um único objetivo útil, a reprodução e análise da realidade, ideias essas que seriam levadas para um viés mais radical por Píssarev ao propor a "destruição da estética". Portanto, seu romance seria mais do que uma demonstração de uma utopia social, mas também sugere os caminhos e ensinamentos para se chegar a essa modernidade com base no bem-estar coletivo. Tal caminho só seria alcançado pelos homens esclarecidos ou "novos homens", e *O que fazer?* se tonando um manifesto ou manual para guiar a futura vanguarda.

A imagem dos protagonistas do romance de Turguêniev e Tchernichevski é ditada pelas suas próprias experiências e encarna a visão da intelligentsia *raznochinets* de diferentes posições sociais. Nessas obras, podemos observar fatores em comum, mas, ao mesmo tempo, diferentes, porque os escritores divergiam politicamente. Turguêniev era liberal e Tchernichevski era um democrata convicto.

Bazarov e os heróis de Tchernichevski foram *peessoas iluminadas*. A década de 1860 na Rússia caracterizou-se pelo surgimento das ciências naturais e não é por acaso que os personagens principais de ambas as novelas são médicos. Sua visão de mundo é a visão de um mundo de povos práticos, de homens de ação. Suas opiniões políticas também são semelhantes. Eles negam os velhos princípios da nobreza liberal, criticam seu aristocratismo e elitismo. Mas Bazarov não tem um programa positivo, ele apenas se esforça para "limpar o terreno" para uma nova vida. Ele não se pergunta qual será a nova vida ou o que deve ser feito para criá-la. Em contraste, os heróis de Tchernichevski já estão criando (as oficinas de Vera Pavlovna), unidos por um desejo comum de libertar as pessoas.

Bazarov se considera uma parte do povo, orgulha-se de que seu avô tenha arado a terra, mas ele não acredita no poder do povo e também não acredita na capacidade do povo de construir um futuro, a nova ordem social. Ao contrário dele, as "novas pessoas" de Tchernichevski acreditam no potencial dos indivíduos, "só é necessário despertá-los e inspirá-los.". Eles veem sua missão na iluminação e na educação das pessoas comuns.

No artigo "O russo do *rendez-vous*", Tchernichevski ressalta em sua crítica à novela *Ássia* de Turguêniev a educação avançada, dentro do "bem comum":

"É melhor não educar um homem, a educá-lo sem a influência de ideias sobre questões sociais, sem a influencia de um sentido que desperte a sua participação nelas. Se, o círculo das minhas observações, na esfera das atividades em que me movimento, estão excluídas as ideias e os impulsos de que têm como objetivo o bem comum, ou seja, estão excluídos os motivos cívicos, o que me resta observar? Do que me resta participar? Resta-me a barafunda azafamada dos seres individuais, com as suas estreitas preocupações pessoais a girarem em torno do seu próprio bolso, de sua pança ou dos seus passatempos" (Gomide, 2013: p. 281)

7- O QUE FAZER?: EGOISMO RACIONAL

O que Fazer? se destaca por seu enredo e protagonistas bastante discrepantes das frequentes obras literárias russas contemporâneas à época. No entanto, a influência que essa

obra teria, como resposta ao romance de Turguêniev *Pais e Filhos*, é verdadeiramente enorme.

O que distingue *O que fazer?* de qualquer outro romance é o seu propósito doutrinador, apresentando à nova geração os meios para superar a opressão política e social da russa, reforçando a ideia de que o povo seria o agente da mudança social e o beneficiário dessa mudança. Tchernichevski descreve em seu romance uma variedade de homens novos, cada um com objetivos próprios. É importante observar o significado dos personagens Vera, Kirsanov e Lopukhov, que são os protagonistas “exemplo” dos “homens novos” e que demonstram como desenvolver relações pessoais com base em conceitos, materialistas e seculares. Mesmo sendo um fracasso como romance, uma vez que Tchernichevski apenas vê a arte com finalidade utilitária, Tolstói e Lenin reconheciam como sendo crucial, apesar das falhas de “estilo” para o desenvolvimento do espírito russo moderno.

Lopukhov e Kirsanov — nota-se que esse nome foi propositalmente utilizado como referência ao Kirsánov de *Pais e Filhos* — são amigos e estudantes de medicina que, assim como Bazarov, são difusores das ideias materialistas, mas diferentes desse, aqueles são de fato homens de ação, que baseiam sua vida no *egoísmo racional* e conseqüentemente, suas ações geram frutos para um bem social coletivo que não implica em qualquer conflito interior que possa pôr em dúvida os efeitos de seus atos. Esses personagens agem em função de um egoísmo que, para Tchernichevski, seria o caminho para a maximização da felicidade tanto individual como também social. Segundo Tchernichevski, como dito antes, o homem age por egoísmo, que em si coincide com aquilo que é mais útil para com o próximo e não por prazer em prejudicar o outro. O egoísmo racional é o princípio norteador da conduta humana.

Para Tchernichevski, na sua versão do utilitarismo, se um homem age contra o seu proveito, ele está sendo irracional, ignorante, ou seja, “não esclarecido”. O homem esclarecido saberá diferenciar o proveito meramente aparente do proveito real, e assim abdicar do que lhe traz satisfação imediata em relação à conduta mais eficaz, uma vez que essa conduta está condicionada ao seu interesse e conseqüentemente ao bem-estar coletivo. A vontade se funde com a razão, a compreensão de que as ações baseadas em uma lógica - “cálculos nobres” - buscando o que é mais vantajoso para si está diretamente ligado ao que é mais vantajoso para o bem coletivo em longo prazo. Esses seriam os verdadeiros homens novos ou homens esclarecidos. Se o impulso é natural, não há glória nem arrependimento.

Esse pensamento é embasado no argumento de que o homem não possui livre arbítrio, as ideias estão condicionadas a outras ideias, o homem está sujeito a relações de causa e efeito. Assim, Tchernichevski, cria a tese da racionalidade suprema no egoísmo racional. Esse pensamento tem teor igualitário, racional e orgânico, nutrindo as ideologias que norteiam as ações de Lopukhov e Kirsanov e posteriormente de Vera, uma vez que essa recebe tais ensinamentos de Lopukhov. Os três não são atingidos pelas *doenças morais* sobre as quais Bazarov versava. No capítulo terceiro, Lopukhov vai até Kirsanov para conversas sobre suas suspeitas de que esse último nutria uma paixão pela sua esposa Vera, essa conversa é baseada, assim como o título do subcapítulo sugere, em uma “conversa teórica”:

“Eu sei que nenhum de nós está em causa e só falamos, como cientistas, sobre aspectos curiosos de visões de mundo científicas que nos parecem justas aos dois. Segundo essas teorias, cada um julga os diferentes casos a partir do seu ponto de vista, que é determinado por sua relação com cada caso. É somente nesse sentido que digo que, se estivesse em seus sapatos, falaria com você. E você, no meu lugar, falaria como eu. Do ponto de vista geral da ciência, isso é uma verdade incontestável. *A* no lugar de *B* é *B*. Se, no lugar de *B*, *A* não fosse *B*, isso significa que *A* não estava exatamente no lugar de *B*.” (Tchernichevski, 2015: p. 263)

Tchernichevski acreditava que, se a revolução de ordem social tivesse sucesso, seria necessário revogar as relações patriarcais que existiam entre a família e entre os grupos sociais, e entre o estado e a sociedade. Assim, tornou-se um ardente defensor dos direitos das mulheres como um meio de prosseguir a revolução social em geral, e assim ajudou a elevar a "questão das mulheres" na Rússia do meio do século XIX. Ele propõe o princípio da liberdade no amor.¹³ A pregação do amor livre não significava a pregação da devassidão, que era forte precisamente entre as classes dominantes conservadoras, oficiais de guarda e etc., mas não no niilismo. Essa proposta significava a existência de sinceridade nos sentimentos, a libertação de todas as convenções, mentiras e opressões.

Diferentemente de Bazarov, Lopukhov e Kirsanov enfrentam a paixão por Vera de maneiras distintas, não se deixam atormentar pelo sentimento, mas sim seguem buscando no *egoísmo racional* a forma de lidar com os conflitos sentimentais de modo mais eficiente para si como para as pessoas que seriam afetadas por seus atos. Lopukhov casa-se com Vera, uma jovem de temperamento forte e independente, para que ela pudesse se livrar da opressão familiar em que vivia atormentada por sua mãe Maria Aleksevna, que seria, portanto, o

¹³ Katz e Wagner. *What is to be Done?*. p. 14.

exemplo de uma pessoa não esclarecida. Personagem de ambições frustradas, os atos de Maria Aleksevna estariam condicionados para um bem imediato e superficial, condicionados à questão econômica e status social no que diz respeito a ter casamento de sucesso, mas não à felicidade da filha. Tais preconceitos estariam ainda ligados à condição de vida que a própria Aleksevna levava, sofrida e restrita pela pobreza além da falta de instrução que ela mesma reconhecia em si.

Tchernichevski queria mostrar aos leitores a lógica do egoísmo racional também no caso de Maria Aleksevna, que, portanto, não era má intrinsecamente, mas que teve seu caráter moldado pelas circunstâncias da vida. Assim, para Aleksevna, ser má era mais vantajoso para si e para sua família, levando-a a alcançar vantagens sociais através do casamento da filha, do que não ser.

Lopukhov consegue discernir que o único jeito de tirar Vera daquela condição, seria casando-se com ela, mas levando em conta que ele não teria de abdicar de qualquer proveito próprio, esse proveito seria sua própria satisfação pessoal, em si. A relação matrimonial de Vera e Lopukhov impera nas mesmas bases materialistas, de igualdade e respeito entre os sexos, sem relações amorosas. Assim, cada um mantém seu próprio quarto e as opiniões e preferências de cada um são honradas. Essas são as bases matrimoniais que ambos consentiram como sendo as propícias para uma vida conjugal feliz e justa. No entanto, a partir do momento que Lopukhov percebe que Vera e seu amigo Kirsanov nutrem um amor romântico, ele age através de uma “abnegação egoísta” fingindo seu próprio suicídio ou “sair de cena” a fim de que o caminho de Vera estivesse livre para ser feliz ao lado de Kirsanov, seu amigo, e evitando um divórcio que refletiria negativamente na reputação social de Vera e do seu amado.

“Esse é um grande mérito do marido [Lopukhov]. Essa grande recompensa é adquirida somente ao preço de um alto valor moral. E quem a merece está no direito de se considerar uma pessoa de inquestionáveis sentimentos nobres. Essa pessoa pode sempre ter a esperança de que sua consciência está limpa e estará sempre limpa, que sua hombridade nunca o trairá, que em todas as provações se adequará tranquilo e firme, que o destino não dominará a paz de sua alma.” (Tchernichevski, 2015: p. 254)

É nesse contexto de suicídio encenado, que uma personagem muito importante para as questões tratadas por Tchernichevski é introduzida na narrativa. Esse personagem é Rakhmetov. Apesar de participar da trama do romance de forma episódica, seu papel estava

além de uma simples representação de um *novo homem*, esboçando as características de um *super homem* que viria dominar a imaginação das gerações politicamente radicalizadas na Rússia até a revolução de 1917.

Tchernichevski enfatiza que essas “pessoas extraordinárias” são necessárias para liderar a revolução vindoura, ou seja, não basta haver pessoas decentes e sinceras, os “egoístas racionais” que buscam a felicidade coletiva, como Vera, Kirsanov e Lopukhov. Esses seriam pessoas boas, que através de cálculos racionais, procuram buscar o melhor para si e para a sociedade, mas não são exatamente homens revolucionários. Eles não se propunham a se transformarem em líderes populares. Então, quem seriam as tais “pessoas extraordinárias”? Para responder a essa pergunta, Tchernichevski introduz, de forma muito inesperada, Rakhmetov, um jovem especial diferente de todos os personagens até então vistos no Romance e na literatura do século XIX.

8 – DO “EGOÍSTA RACIONAL” AO “HOMEM EXTRAORDINÁRIO”

Rakhmetov ilustra a ideia do autor do tipo de “pessoa rara”, “extraordinária”, que existe no mundo, embora não em grandes proporções, e que se mostra totalmente devoto às felicidades do povo. Contudo, Rakhmetov não se tornou imediatamente uma pessoa tão especial.

Rakhmetov é um nobre de nascimento. Ele embarcou para São Petersburgo como um jovem comum e “nada extraordinário”. Lá, Rakhmetov ingressou na universidade para estudar medicina, levando-o a se envolver com pessoas “que pensavam de forma diferente” e assim estabeleceu o seu renascimento como *novo homem*. Tendo se aproximado das novas correntes do pensamento materialista populares entre os universitários – que o levou a conhecer Kirsanov, deu-se início a sua transformação em uma “pessoa especial” *особенного человека*, que resultaria não apenas em um jovem que contribuiria para o bem coletivo, mas que estava destinado a propósitos mais radicais e “necessários” para uma total revolução social. Kirsanov buscava, a partir de então, apenas se envolver com pessoas influentes intelectualmente que lhe trariam conhecimentos úteis para a causa maior à qual se dedicaria.

Lopukhov e Kirsanov o guiaram nos ensinamentos dos socialistas utópicos e a filosofia de Feuerbach que foram uma forte influência para transformação de Rakhmetov em *особенного человека*. Na primeira noite com Kirsanov, Rakhmetov “chorou, interrompeu suas palavras com exclamações de maldições contra tudo que deveria ser destruído e de

bençãos a tudo que deveria sobreviver”¹⁴. Tal conhecimento chegou a abranger todos os aspectos da sua vida para se tornar um homem focado e preparado para a “causa” maior, ou seja, a revolução.

Dotado de habilidades extraordinárias, Rakhmetov logo se voltou para a ação prática, tornou-se um revolucionário. Ele organizou todo o seu tempo em função das necessidades que pensa serem mais úteis e essenciais para seu desenvolvimento espiritual e intelectual, dedica certo tempo para a leitura; “*Se li Adam Smith, Malthus, Ricardo e Mill, já conheço o alfa e o ômega desse campo.*”¹⁵; reuniu-se com intelectuais; viajou em peregrinação secular para conhecer as regiões remotas da Rússia. Todo comportamento de Rakhmetov tem como objetivo sentir as mazelas do povo simples, aprender os atos laborais e identificar-se com as aspirações e a necessidade dos russos, assim com familiarizar-se com todas as classes da Rússia do seu tempo e se integrar ao povo russo realizando trabalhos considerados de baixo status como lavrador, carpinteiro e até puxados de barcas, o que lhe rendeu o apelido de Nikitucha Lomov em homenagem a um herói reverenciado pelo povo russo.

De fato, em contraste a Bazarov, Rakhmetov não tem nome próprio. A tradição a qual o seu nome de família remete não é a uma genealogia literária, mas à “nobreza bárbara”, um líder tártaro chamado Rakhmet do século XIII. Mas, ele se orgulha principalmente de seu “apelido” Nikituchka Lomov “*Никитишка Ломов*” – nome que ele ganhou pelos seus próprios feitos. Esse orgulho revela a imagem que Rakhmetov quer passar de si, a imagem de uma lenda popular – o distintivo maior na sua ótica ideológica.

“Uma vez atravessou todo o rio Volga, de Dubovka a Rybinsk, puxando barça. Se ele tivesse dito ao capitão da barça e à tripulação que queria trabalhar como puxador de barças, teriam considerado isso um absurdo. Por isso ele entrou como passageiro comum, fez amizade com a tripulação e começou a ajudar a rebocar o barco. Em uma semana estava que nem um trabalhador experiente. [...] ele tinha, então, 20 anos e os companheiros de puxar corda o apelidaram de Nikituchka Lomov em memória do herói que àquela altura já tinha saído de cena. No verão seguinte ele foi de navio a vapor. Uma das pessoas comum do povo se amontoando no convés era um ex-funcionário seu no trabalho de puxador de barças do ano anterior. Foi assim que os estudantes que viajavam com ele ficaram sabendo que deveria chamá-lo de Nikituchka Lomov. Realmente ele tinha adquirido, e não poupou tempo em manter, uma força física fora de comum. “É preciso. Traz

14 Tchernichevski, *O Que Fazer?*. p. 285.

15 Ibid, p. 228.

o respeito e amor das pessoas comuns. Coisa útil. Pode valer no futuro”, dizia”. (Tchernichevski, 2015: p.284)

Rakhmetov rompe com a sua classe e sela seu destino com o povo. Esse é o indivíduo totalmente envolvido com a preparação para revolução, uma personagem que suprime em si tudo que possa impedir sua escolha existencial. Diferentemente dos outros personagens “progressivos” do romance, Rakhmetov não está satisfeito apenas com a ciência e a felicidade familiar, ele tem um comprometimento moral com a luta contra os fundamentos sociais injustos existentes.

É possível perceber que a preparação de Rakhmetov ia além de uma preparação teórica para a revolução. Rakhmetov “calculava” que para se tornar um novo homem, era preciso estar preparado não apenas moralmente, mas também fisicamente, e sabendo que o caminho para a revolução seria o mais árduo, ele se empenhou em conquistar resistência física, conhecer as necessidades do povo e em estar sempre adquirindo conhecimentos científicos para manter-se preparado para o dia decisivo da insurreição de uma nova ordem social. Antecipava-se à possibilidade de ter de enfrentar tortura física ou a morte, submetia seu corpo a experimentos, como se deitar em uma tábua cheia de pregos, preocupou-se em manter um regime alimentar restrito à base de carne para ganhar massa muscular e buscou dispensar tudo que não era estritamente necessário.

Os feitos de Rakhmetov são contados pelo próprio autor na forma de relatos de terceiros se referindo às suas peregrinações ou aos seus atos de caridade como quando ele doou dinheiro para que jovens terminassem a faculdade, ou quando Rakhmetov teria liberados seus servos e distribuído entre eles suas terras. Ele comentava: “*Para mim é mais fácil cumprir meu dever quando não notam que eu gostaria não apenas de cumprir o dever, mas também de desfrutar da vida.*” (Tchernichevski, 2015: p.307)

Tentando se unir de corpo e alma ao povo humilde da Rússia ele se privava de tudo que podia ser considerado luxuoso. Se o camponês sobrevivia sem comer tangerinas, ele, Rakhmetov, não tinha a necessidade de tais ostentações, recusando-se até mesmo a dormir em colchões e vestia-se muito pobremente apesar de gostar do luxo. “*O que não está disponível para as pessoas simples, eu não devo comer.*” (Ibid, p. 289) O único luxo que ele se permitia eram os charutos finos, mas ainda sim achava ser uma “vil fraqueza” de sua parte.

Rakhmetov vivia apenas para o povo, em nome do povo: “*Ele tinha muitos assuntos a tratar: nenhum pessoal, entretanto. Todos sabiam que ele não tinha assuntos pessoais.*” (Turguêniev, 2015: p. 292) Nisto, ele difere de Bazarov que permaneceu estritamente um rebelde, centrado na negação radical da ordem social existente e dos costumes. Bazarov não reverencia o povo russo por si. Ele também não é apresentado como absolutamente indispensáveis, o herói necessário para o futuro. Rakhmetov, por outro lado, é um revolucionário consciente cuja principal característica distintiva era o intransigente altruísmo.

A preocupação com as pessoas comuns permeia toda a imagem do revolucionário Rakhmetov. Para Tchernichevski, a preocupação exclusiva com o bem-estar do povo russo é o que faz ser um homem revolucionário. Ele está consciente de que a revolução é uma guerra, uma luta permanente e um perigo. Ele se prepara para essa luta e isso significa que ele deve enfrentar várias privações, tortura e perseguição da polícia czarista. Rakhmetov compreendeu no decorrer do seu aprendizado, que o modelo de vida asceta deve ser o melhor caminho para alcançar seus objetivos físicos, morais e intelectuais.

Ele tempera suas vontades e seu corpo, ensinando a si mesmo a aguentar o sofrimento físico, renunciar a todas as luxúrias e seguir uma vida ascética.

Disse a si mesmo: “não beberei nem uma gota de vinho. E não tocarei nenhuma mulher”. Mas era passional por natureza. “Para que isso? Talvez esses exageros não sejam necessários?” Entretanto, manteve-se firme: “É preciso ser assim. Nós exigimos que as pessoas possam desfrutar completamente da vida. Devemos provar, com as nossas vidas, que exigimos isso não para a satisfação de nossas próprias paixões, não para nós próprios, mas para as pessoas em geral. Falamos por princípios e convicções, não por paixões ou necessidades pessoais.” (Ibid, p. 286)

Rakhmetov tenta eliminar quaisquer assuntos pessoais, seu comprometimento era com as questões do povo. Ele seria o homem preparado, ou seja, ideal para liderar o povo na revolução e para servir de exemplo aos jovens revolucionários. Rakhmetov renega incondicionalmente a felicidade pessoal ao rejeitar o amor de uma jovem viúva rica, pois segundo o próprio, os sentimentos, assim como o amor deveriam ser suprimidos uma vez que podem virar obstáculos para seus propósitos. Ele renega, mas nada de humano é estranho a Rakhmetov e ele reconhece que é doloroso abdicar do amor, mas o amor pelo povo é supremo. Ele confessa a Vera que não é um monstro sombrio como todos pensam, que “o ser humano é fraco”, assim como ele: “*Sim, tenha piedade de mim. Você está certo. Compa-deça-*

se. Afinal, eu também não sou uma ideia abstrata, mas uma pessoa que gostaria de viver.” (Ibid, p.295)

O crime mais terrível que este herói considera ser o mais imperdoável é o crime contra os interesses do povo. Reprendendo Vera Pavlovna pelo fato de que ela esqueceu por um momento sua oficina de costura devido ao “sair de cena” de Lopukhov, Rakhmetov afirma que, por isso, “[ela] traiu a causa da humanidade, traiu a causa do progresso”, ou seja, a “causa do povo”, poderia ter sido prejudicada: “*Vera Pavlovna, isso é o que, na língua religiosa, se chama pecado contra o Espírito Santo. Diz-se que outros pecados podem ser perdoados, mas não esse, nunca, de maneira alguma.*”¹⁶ O humanismo altruísta do tipo de Rakhmetov não surgiu somente de considerações racionais, ele próprio era estimulado pela experiência mística emocional, a culpa de uma pessoa educada perante as pessoas desfavorecidas.

Em um esforço para mostrar a proximidade e a unidade de Rakhmetov com as pessoas, Tchernichevski combina duas imagens neste personagem: a imagem de um homem esclarecido com um estilo de pensamento, o “homem do progresso” e a imagem de um “homem do povo”. Em comparação com Pugachev de Puchkin, Taras Bulba de Gogol e outros heróis semelhantes, Rakhmetov é sem precedentes na literatura russa. Tchernichevski enfatizou, explicitamente e consistentemente, exatamente essas novas características no caráter moral de seu herói, que tendem a aproximá-lo das pessoas simples. Kirsanov o julga ser “mais importante que todos nós outros junto”, enfatizando o quanto homens como Rakhmetov eram essenciais para revolução.

Rakhmetov é uma pessoa extraordinária. Ele se tornou o avatar de um revolucionário ativo na literatura russa. O caráter masculino forte, a mente indubitável, a preocupação com a felicidade da humanidade, a abnegação pessoal e outras qualidades positivas tornaram esse personagem irresistível aos olhos de muitos leitores e gerações. *O que fazer?* tornou-se quase um manual para uma atividade revolucionária.

Mas, é claro, nem todo mundo foi ofuscado pelo apelo romântico desta imagem. Um pensador profundo e humanista, Dostoiévski, em muitas de suas obras advertiu contra a admiração imprudente por “pessoas especiais”. A ideia de um “super homem” é uma espada

¹⁶ Ibid, p. 304.

de dois gumes. Deve ser abordado com muito cuidado, já que este ideal, muitas vezes, começa a controlar a pessoa, transformando-a em um mero instrumento para os objetivos políticos. Ainda assim, a aura positiva da imagem de Rakhmetov era bastante imponente. É significativo que é ele, Rakhmetov, e não, por exemplo, o insensato revolucionário jesuíta Nechaev e seu "Catecismo de um Revolucionário", que serviu de inspiração para aqueles que se dedicaram a ação revolucionária e propaganda como o "Partido Revolucionário – Rússia Social", e “Vontade do Povo” *Narodnaya Volya*. É graças a ele que a antiga tradição popular de ascetismo continuou a garantir seu lugar de honra na literatura russa.

A imagem de Rakhmetov incorporou o espírito da época, o sonho descrito pelo escritor. O personagem foi explicitamente romantizado. O autor criou seu herói para ficar “acima da multidão”. Tchernichevski encarnou nele a esperança do despertar da consciência revolucionária a vontade de emancipação e de felicidade. Não é por acaso que Rakhmetov aparece novamente no final do romance, acompanhado de uma misteriosa mulher “com um vestido rosa brilhante”, que simboliza a revolução. E no romance a Rakhmetov é concedida a felicidade pessoal, o fruto do amor que é o sucesso da revolução. Essa cena ocorre no capítulo "Mudança de Cena", onde o cenário de um casamento alude à celebração da revolução, vista como uma mudança de hábito de uma dama em luto para um vestido de noiva. Ao lado dela "havia um homem de cerca de 30 anos de idade"- talvez, o próprio Rakhmetov, permitiu consumir seu verdadeiro amor – a revolução. Assim, à pergunta *O que fazer?*, Nikolai Tchernichevski responde através do personagem de Rakhmetov:

"Assim, vê, leitor perspicaz? Eu digo não a você, mas a outro público, que as pessoas como Rakhmetov são ridículas. A você leitor perspicaz, eu digo que não são pessoas ruins. [...] São poucas, mas, por meio delas, a vida de todos floresce. Sem elas, estagnaria, decairia. Há uma grande massa de pessoas honestas e boas, entretanto, aquelas são poucas. Mas estão lá. Teína no chá, buquê de vinho nobre, é delas que vem a força e o aroma. É a luz das melhores pessoas, o motor dos motores, o sal do sal da terra.” (Tchernichevski, 2015: p. 298)

9 – IMPACTO

Bazarov e Rakhmetov foram figuras emblemáticas do novo espírito que apareceu na Rússia após a morte do Czar Nicolai I. Diante do diálogo literário entre o inconformista solitário Bazarov e o devoto revolucionário Rakhmetov que as duas obras literárias começaram reverberar durante todo o período pré-revolucionário da história russa.

As obras eram as advertências da mudança em curso. Não é do nada que Turguêniev escreveu que: “Na nossa geração está toda a esperança”. Os críticos afirmaram que, desde o início da impressão na Rússia, nenhum outro livro esteve tanto em moda. Herzen observou que os jovens que vieram da Rússia nos anos sessenta pareciam ter saído todos deste romance “com uma pitada de Bazarov”.

A importância desses romances não está relacionada às suas respectivas maestrias artísticas e valor estético. Os méritos literários de *Pais e Filhos* foram reconhecidos desde a publicação do romance. De acordo com a definição do Prêmio Nobel Vladimir Nabokov, esta “não é só o melhor romance de Turguêniev, mas também uma das obras mais brilhantes do século XIX.” Em contrapartida, o impacto de *O que fazer?* foi totalmente desproporcional ao seu mérito literário, mesmo na opinião do próprio autor. Apesar da imperfeição artística e o esquematismo do trabalho de Tchernichevski, o programa de reconstrução "inteligente" da vida descrito no livro capturou a imaginação dos jovens *intelligenti* russos.

Denunciado como obsceno e imoral pelos pilares da sociedade, *O que fazer?* permaneceu por muito tempo como a Bíblia da juventude radical. Apesar de todos os seus defeitos como obra de ficção, fez uma propaganda efetiva pela emancipação da mulher, pelo socialismo e, indiretamente, para a revolução. Seja livre em suas relações pessoais e se dedique de maneira disciplinada e realista à causa do povo - esta foi lição do livro de Tchernichevski.

Mesmo sendo considerado um fracasso como romance, Tolstoi e Lenin foram apreciadores da grandeza moral que esse livro pregava, sinalizando o caminho para o progresso social crucial para a Rússia. A trágica biografia do próprio Tchernichevski contribuiu para a verdade histórica e as aspirações de sua época. Seu martírio investiu seu nome com uma glória que o passar do tempo não diminuiu por várias gerações.

Os bolcheviques apreciavam Tchernichevski e batiam seu nome no peito. Lenin declarou em particular que Tchernichevski tinha um sentido revolucionário absoluto, da mesma maneira que um cantor tem um dom absoluto. Ele o valorou particularmente como um adversário do liberalismo e como um pensador que demonstrou que toda pessoa razoável deve ser revolucionária. Lenin o exaltava como "um vidente genial", um autor cujas obras "respiravam o espírito da luta de classes", como "o grande hegeliano e materialista" que preparava as melhores mentes na Rússia para a aceitação do marxismo.

Aos dezoito anos, Lenin debruçou-se sobre as páginas por semanas e depois continuou retornando a ela e chamou-a de um desses livros cujo impacto dura por toda a vida. O fascínio com o romance foi além dos limites da Rússia. Por exemplo, Georgy Dimitroy, o revolucionário búlgaro que foi o herói do julgamento do incêndio do Reichstag em 1934 falou apaixonadamente sobre o trabalho.

Peter Kropotkin em suas "Notas de um Revolucionário" refere-se especificamente à moral revolucionária dos populistas da década de 1870 que viu nos nihilistas em Tchernichevski (e acima de tudo em Rakhmetov) o melhor modelo para imitar:

"Toda a vida de um povo civilizado está cheia de mentiras condicionais. Pessoas que se odeiam se encontram na rua, sorriem felizes um para o outro; O nihilista só sorri para aqueles com quem ele se alegra. Todas as formas de cortesia externa, que são meramente hipócritas, ele considera uma traição. Ele assume maneiras cruas como um protesto contra o esmalte externo dos pais. Os nihilistas viram como os pais arrogantemente representavam como idealistas e sentimentalistas, embora isso não impedisse que fossem verdadeiros selvagens com as suas esposas, filhos e servos. E eles se rebelaram contra esse sentimentalismo que se encaixava bastante com a ordem da vida russa, que não é o ideal. (...) O nihilista aderiu e amor sinceramente até o menor detalhe da vida cotidiana. Abandonou as formas condicionais de conversa mundana e expressou suas opiniões de forma acentuada e direta, mesmo de forma enfática e grosseira ... O nihilista desejou antes de tudo ver na mulher um camarada, uma pessoa e não uma boneca, não uma "princesa fofa".¹⁷

No século 20, Tchernichevski serviu de inspiração para o realismo socialista. O lendário jovem Danko de Maxim Gorki em o "homem de ferro", Pavka Korchagin da novela de N. Ostrovski, *Como se Tempera o Aço* tornaram-se os herdeiros literários do espírito revolucionário de Rakhmetov.

CONCLUSÃO

Bazarov foi o personagem perfeito para os jovens contemporâneos à obra e imperfeito para grande parte da antiga geração, já os "novo homens" de Tchernichevski, uma inspiração acerca de um progresso moderno, um ultimato para a revolução. O que não pôde fazer como

17 Крoпoткин. *Зaписки рeвoлюциoнepa*. С. 289.

manifesto, fez em forma de romance, mesmo que não em seu nível estilístico habitual. Tchernichevski mostrou em que o homem poderia se tornar e quais os benefícios das suas ações como “novos homens”, livres de imposições e ansiedades supérfluas, fruto de uma sociedade que parecia não ter controle sobre a modernização, sobre a indiferença e as injustiças sociais. São homens que sequer pensariam em fugir do Cavaleiro de Bronze, mas racionalmente lutariam pelas necessidades do povo. Mesmo sendo personagens considerados inverossímeis, em ações inverossímeis, beirando ao absurdo para a época, são atitudes radicais e democráticas que alimentavam os corações dos jovens dos anos de 1860, assim como dos futuros revolucionários do século XX. Somente Dostoiévski chegaria, de forma magnífica, a confrontar os “novos homens” com seu “homem do subsolo”, transformando a imagem do homem inverossímil em verossímil, que enfrenta seu ímpeto revolucionário de modo mais realista e gradativo que os “novos homens” de Tchernichevski.

BIBLIOGRAFIA

TURGUÊNIEV, Ivan. *Pais e Filho*. 3ª ed. São Paulo: CosacNaify, 2015.

TCHERNICHEVSKI, Nikolai. *O que Fazer?*. São Paulo: Prisma, 2015.

GOMIDES, B. (Org.). *Antologia do Pensamento Crítico Russo*. São Paulo: Editora 34, 2013.

TCHERNYSHEVSKY, *What Is to Be Done?*. Ithaca, US: Cornell University Press, 1989.

_____, “The Aesthetic Relation of Art to Reality” In: *Selected Philosophical Essays*. Moscow: Foreign Languages Publishing House, 1952, pag. 281-381 | “The Aesthetic Relationship of Art to Reality” [extracts] In: *A Documentary History of Russian Thought From the Enlightenment to Marxism*, ed. W. J. Leatherbarrow and D. C. Offord. Ann Arbor: Ardis, 1987, pag. 199-202.

_____, “The Anthropological Principle in Philosophy” [extracts], in *A Documentary History of Russian Thought From the Enlightenment to Marxism*, ed. W. J. Leatherbarrow and D. C. Offord. Ann Arbor: Ardis, 1987, pag. 213-222.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é Sólido Desmancha no Ar*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANK, Joseph. *Sementes da Revolta*. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

COPLESTON, F. *Philosophy in Russia: From Herzen to Lenin and Berdyaev*. Notre Dame: Search Press, 1986.

FREDE, V. *Doubt, Atheism, and the Nineteenth-Century Russian Intelligentsia*. Madison: University of Wisconsin Press, 2011.

KATZ, M e WAGNER, W. “Introduction: Chernyshevsky, What is to be Done? and the Russian Intelligentsia”. In: *What is to be Done?*, trans. Michael Katz. Ithaca: Cornell University Press, 1989. p. 1-36.

OFFORD, D. “Dostoyevsky and Chernyshevsky” In: *Slavonic and East European Review*, 57, 1979: p. 509-30.

PEREIRA, N. G. O. *The Thought and Teaching of N. G. Chernyshevskii*. The Hague: Mouton, 1975.

PORTER, C. *Fathers and Daughters: Russian Women in Revolution*. London: Virago, 1976.

POZEFSKY, P. C. *The Nihilist Imagination: Dmitrii Pisarev and the Cultural Origins of Russian Radicalism*. New York and Oxford: Peter Lang, 2003.

RANDALL, F. B. *Chernyshevskii*. New York: Twayne, 1967.

SCANLAN, J.P., "Nikolaj Chernyshevsky and the philosophy of realism in nineteenth century Russian aesthetics" In: *Studies in Soviet Thought*, 30. 1985: p. 1-14.

TERRAS, V. *Belinskij and Russian literary criticism: the heritage of organic aesthetics*. Madison: University of Wisconsin Press, 1974.

TURGENEV, I. *Fathers and Children*, trans. Constance Garnett. New York: Macmillan, 1895.

ULAN, A. B. *Ideologies and Illusions: revolutionary thought from Herzen to Solzhenitsyn*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1976.

VENTURI, F. *The Roots of Revolution: A History of the Populist and Socialist Movements in Nineteenth-Century Russia*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1960.

YARMOLINSKY, A. *Roads to Revolution*. Princeton University Press, 1957.

YOUNG, Sarah J. *Russian thought lecture 4: Nihilism and the birth of Russian radicalism: from science to art*. 2012. Link: [<http://sarahjyoung.com/site/2012/11/28/russian-thought-lecture-4-nihilism-and-the-birth-of-russian-radicalism-from-science-to-art/>]. Acesso em 20 fev. 2017.

ТУРГЕНЕВ. И.С. *Полное собрание сочинений и писем: в тридцати томах*. М.: Наука, 1981. Т. 7. С. 444.

ПИСАРЕВ. Д. И. "Базаров" In: *Литературная критика в трех томах. Том первый. Статьи 1859-1864*. Л., "Художественная литература", 1981 г. [http://az.lib.ru/p/pisarew_d/text_0220.shtml]. Acesso em 21 fev. 2017.

КРОПОТКИН. П.А. *Записки революционера*. Московский рабочий. 1988, с. 289.

Dicionários online:

dic.academic.ru: https://russian_argo.academic.ru/342/базар

<https://epithets.academic.ru/36/базар>

